

Nils JACOBSON, M.D.,

A Consciência, o Cérebro e a Morte [✶]

O nosso corpo físico, tendo por centro o cérebro, é um instrumento do espírito. Tal se evidencia quando nos deparamos com um ser humano. Então sentimos que não é o físico que mais importa, embora ele desempenhe um determinado papel. O que é essencial e nos arreata é o espírito, que se dá a conhecer no fulgor dos olhos, na fala, na expressão facial e no comportamento. Sem isso uma pessoa seria como um boneco de cera com vida, mas sem espírito.

Carl Hoegh

Abordamos as diversas experiências humanas que sugerem a possibilidade de sobrevivência após a morte. Mas seria tudo isto uma ilusão? Se por métodos lógicos pudermos provar que a sobrevivência é impossível, ou se, com base na neurofisiologia (a ciência das funções do sistema nervoso), pudermos provar que a consciência são apenas processos químicos do cérebro (e não pode ser outra coisa além disso), então o assunto estará encerrado de uma vez por todas. A sobrevivência ou supervivência seria então impossível, e nós nos teríamos dado todo este trabalho em vão. Todo o material compilado e estudado deveria, neste caso, ter outras explicações. Neste capítulo verificaremos se tal prova existe.

Não trataremos aqui das diferentes teorias e do relacionamento entre o cérebro e a consciência nos seus detalhes. Mas mencionarei vários pontos de vista importantes, enfatizados em particular pelo filósofo C. J. Ducasse¹.

Atitudes com relação à vida além da morte

As mais importantes atitudes quanto à teoria da sobrevivência além da morte podem ser assim resumidas²:

- 1) A sobrevivência à morte é logicamente impossível.
- 2) A sobrevivência à morte é possível logicamente, mas baseada na experiência (empiricamente) é impossível ou pelo menos totalmente inacreditável.
- 3) A sobrevivência é tanto lógica como empiricamente possível.

- 4) A sobrevivência é logicamente possível e empiricamente acreditável, pelo menos mais plausível do que implausível.
- 5) A sobrevivência é não só logicamente possível como empiricamente confirmada.
- 6) A sobrevivência é logicamente necessária.

Quando estamos conscientes?

Ante estas diferentes opções, precisamos primeiro ressaltar que cada um de nós, e todos, temos estado sempre conscientes por tanto tempo quanto podemos lembrar. Não podemos nunca experimentar uma total perda de consciência — fazê-lo envolveria estar consciente de estar inconsciente, o que é contraditório. É verdade que, em certas circunstâncias, sob a influência de narcóticos, até certo ponto, e no sono, estamos no que é considerado inconsciência. Mas isto apenas significa que a nossa capacidade de reagir a estímulos do mundo que nos cerca está muito limitada. O sono não compreende perda total da consciência; podemos, até certo ponto, reagir a algumas impressões externas. Uma mãe adormecida pode ser acordada pelo choro de seu filho, embora continue a dormir, sem ser perturbada, quando ocorrem outros sons bem mais altos. Durante o sono ela pode ter experiências vivas na forma de sonhos. Em coma ou durante uma perda de consciência devido a outras circunstâncias, como por exemplo narcóticos ou lesão cerebral, nossa capacidade de reagir a estímulos exteriores é ainda mais reduzida; não podemos reagir, não importa quão alto for pronunciado o nosso nome. Apesar disso, ainda podemos, sob certas condições, ter experiências de separação (casos 29 e 32).

Foi também demonstrado que as pessoas sob narcose podem perceber sons significativos, como conversas, nas cercanias³. Aqueles que cuidam de pacientes que permanecem inconscientes por longo tempo, como por exemplo depois de acidentes de tráfego, sentem muitas vezes que a pessoa inconsciente pode na verdade estar captando algo do que acontece à sua volta. Talvez ela, como os pacientes narcotizados, possa perceber o que se diz, embora, em consequência de estar inconsciente, não possa se comunicar. (Através de médiuns, comunicadores têm explicado como experimentaram a própria morte. Como regra, parece que a audição é o sentido que por mais tempo recebe impressões do plano físico. Segundo estas fontes, os que morrem podem ouvir e perceber por muito tempo após terem ficado "inconscientes".)

Não podemos observar esta perda de consciência melhor do que observamos outros estados psíquicos. Tudo o que podemos observar é que as indicações comuns de consciência em todos esses momentos é apenas uma hipótese que tenta explicar o fato de que, em tais condições, não conseguimos nos comunicar e, geralmente, lembrar quaisquer experiências. Mas a falta de memória consciente não é prova de que uma pessoa não estava consciente. Nesse caso, estaríamos inconscientes durante grande parte de nossas vidas. Com efeito, podemos apenas realmente recordar um pequeno segmento de tudo o que experimentamos na vida, a despeito do fato de que a maioria dessas experiências sejam na verdade recebidas em "total consciência".

Material, vivo, psíquico

Em seguida, precisamos definir os conceitos de "material", "vivo" e "psíquico".

Material (físico, corporal), segundo Ducasse, compreende todo fenômeno, ocorrência, coisa, evento, ação, processo, etc, que é ou pode ser tornado perceptivelmente público. Quer dizer, materiais são todos aqueles fenômenos como plantas, pedras, gases, corpos de seres vivos que em um certo ponto no tempo podem ser percebidos por mais de uma pessoa. O material inclui também aqueles elementos de objetos materiais que, como resultado de sua pequenez ou outras razões, não podem ser percebidos diretamente (por exemplo moléculas e átomos), mas cuja existência pode ser deduzida pelo fenômeno material.

"Vivo" significa, biologicamente, que determinados critérios são atendidos e funcionam, como crescimento, metabolismo, aumento e adaptação ao meio ambiente. Mas "viver", no sentido psicológico da palavra, implica consciência. Os biólogos sabem que os sinais de vida no sentido biológico cessam quando o corpo morre, e daí concluem que também a consciência morre. Mas esta não é a única conclusão que pode ser tirada desses fatos conhecidos. Não está provado ainda que todos os aspectos da consciência estão envolvidos nos processos corporais.

Fenômenos psíquicos (mental, espiritual ou alma) são todos os processos, ações, etc. privativos, ou seja, que cada pessoa só pode observar dentro de si. Esses fenômenos, como pensamentos, sentimentos, idéias, desejos, determinações, necessidades, estados mentais, disposições, imagens mentais, etc, podem ser descritos como conteúdos do consciente. Desta maneira, o que se revela pela observação do eu — introspecção — pode ser tornado público através de ações como a fala, a escrita, a gesticulação ou outros meios de expressão. Ao dizer "tenho medo", posso fazer outra pessoa pensar sobre o que é "ter medo" como se ela própria o experimentasse, e ela acreditará que se trata da mesma coisa que eu experimento quando digo estar com medo. Mas o próprio conteúdo do consciente, em si mesmo, expresso por estas palavras, não é público no sentido de que o são as palavras: o estado é privativo e pertence à história da pessoa; ninguém pode diretamente investigar qualquer outra pessoa a não ser a si mesmo. A expressão causada por um estado pode ser investigada em outras pessoas. "O comportamento aparente de medo", ou seja, o comportamento que a experiência nos ensinou que uma pessoa demonstra, é público; o medo propriamente dito é privativo e algo mais do que comportamento.

Da mesma maneira que "material" abrange não apenas aqueles fenômenos que podem ser observados publicamente, mas também aqueles elementos que por diferentes razões não podem ser observados, também "psíquico" indica aspectos da consciência que não podem ser observados diretamente através da introspecção, ou seja, os chamados "inconscientes".

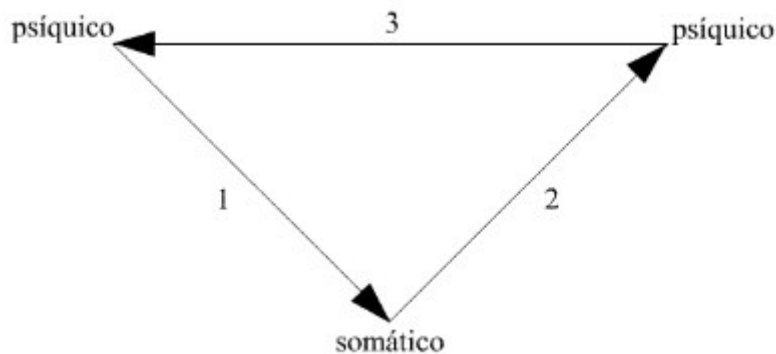
O que é psique

A psique, ou mente, segundo Ducasse, é um complexo de capacidades ou disposições. Uma "capacidade" é aqui definida como a relação de causa e efeito

entre certos eventos. Por exemplo: o açúcar tem a característica, ou a capacidade, de ser diluído em água. Isto significa que o açúcar é constituído de tal forma que se ocorrer o evento A (o açúcar é posto na água) isto causará o evento B (o açúcar se dilui). De modo semelhante, uma pessoa tem, por exemplo, a característica de ser irritadiça. Isto não significa que ela experimente a emoção chamada irritação continuamente, mas que certos eventos que podem produzir o sentimento de irritação na maioria das pessoas fá-lo-ão também nela. Estas diferentes capacidades da psique podem ser arranjadas de três maneiras:

- 1) Psicossomática: uma ocorrência psíquica causa uma ocorrência material ou somática (corporal).
- 2) Somatopsíquica: uma ocorrência somática causa uma ocorrência psíquica.
- 3) Psicopsíquica: uma ocorrência psíquica causa outra ocorrência psíquica.

Estes três grupos podem ter a seguinte representação gráfica:



Se uma psique continua a existir depois da morte do corpo, podemos prescindir de ambos os grupos de capacidade que envolvem o corpo, ou seja, o psicossomático (1) e o somatopsíquico (2). Só persiste o psicopsíquico.

Uma psique é, portanto, um complexo de capacidades composto destes três tipos e combinados em uma personalidade. O fato de existir uma psique indica que ela exerce algumas dessas capacidades durante certo tempo. Como resultado, ocorre uma série de eventos. A existência da psique, portanto, indica não só uma certa natureza, mas também envolve uma determinada história constituída pela cadeia desses eventos, resultante dessas capacidades liberadas, ativadas.

Do mesmo modo que objetos materiais consistem de partes reunidas de determinada maneira, também uma psique consiste de pequenas unidades de capacidades. Como num objeto material, uma parte pode ser separada e funcionar mais ou menos independentemente, de maneira que se distinguirá da totalidade em funcionamento. Vimos exemplos desta dissociação no capítulo sobre o espiritualismo. A unidade de uma psique não é, assim, questão de tudo ou nada, porém de mais ou menos.

Uma psique pode, como um objeto material, ser analisada como um complexo de capacidades e disposições. A psique, poder-se-ia dizer, possui uma estrutura, consistindo de algum tipo de "substância" psíquica, do mesmo modo que o objeto material consiste de substância material.

Seriam os pensamentos idênticos aos processos do cérebro?

Uma teoria que costuma ser levantada é a de que os pensamentos e outros processos psíquicos nada mais são do que processos químicos ou elétricos que têm lugar no cérebro, ou seja, que os processos psíquicos e eletromagnéticos são idênticos.

A idéia de que "os pensamentos, fundamentalmente, nada mais são do que processos químicos" não pode ser desmentida, não porque seja isto verdade, mas por ser absurda, da mesma maneira que é absurdo dizer que o ferro é feito de madeira.

Também a idéia de que os processos físicos e cerebrais são idênticos é insustentável, por ignorar totalmente a diferença fundamental entre processos materiais que se realizam no cérebro e os processos psíquicos que se realizam no consciente.

Os processos materiais podem, em princípio, ser observados diretamente e são demonstráveis objetivamente, ao passo que os psíquicos só podem ser observados pela experiência individual através da introspecção e podem apenas ser descritos a outras pessoas. Por medo, por exemplo, entendemos um tipo de experiência, um processo psíquico, e não uma reação nos vasos sanguíneos, um processo material. Ainda que este último tipo de reação costume seguir-se ao primeiro, não é idêntico a ele. O que os defensores da doutrina da identidade provavelmente querem dizer é que os pensamentos e emoções são produzidos pelo curso dos eventos químicos no cérebro, ponto de vista que examinaremos agora.

"O cérebro excreta pensamentos, do mesmo modo que os rins, urina."

Outra conceituação comum do relacionamento entre o cérebro e a consciência é a de que os processos psíquicos não são idênticos aos processos materiais que se realizam no cérebro, porém são causados por eles. Este ponto de vista é conhecido como epifenomenalismo.

De acordo com esta concepção, a consciência é apenas um produto do cérebro. Somente a capacidade somatopsíquica, portanto, deve existir; as demais são ilusórias. A sobrevivência após a morte, neste caso, é inconcebível, já que a única capacidade existente em funcionamento cessou com a morte do cérebro. Isto poderia ser explicado, por uma analogia, como sendo a consciência nada mais do que "uma centelha produzida pela máquina".

Tal analogia, entretanto, mistura e confunde ocorrências psíquicas e materiais. A centelha, como a máquina, é um fenômeno material, enquanto a consciência é um fenômeno psíquico. O que na verdade se quer dizer é que as mudanças no estado material do cérebro causam mudanças no estado psíquico ou conteúdo do consciente, mas não o oposto.

Concebe-se a psique como uma "substância" como o cérebro, embora a substância seja diferente. Não há razão para que o processo não funcionasse de maneira oposta, de modo que as alterações da substância psíquica causassem alterações na substância material.

O epifenomenalismo, em particular, sustenta que se pode encontrar uma relação causal entre fenômenos tão diferentes como o material e o psíquico, porém apenas em um sentido. Segundo Ducasse, não há realmente qualquer obstáculo teórico que impeça o funcionamento da relação causal também no sentido oposto⁵.

Por exemplo, o epifenomenalismo afirma que o processo material de encostar-se um fósforo aceso na pele causa um processo psíquico chamado de dor. Mas outros fatores podem ser interpretados igualmente bem no sentido oposto. Assim, um processo psíquico (o desejo de levantar a mão) causa um processo material (levanta-se a mão).

Não é fato comprovado que todos os estados psíquicos, sem exceção, são causados por estados químicos no cérebro, mas apenas uma hipótese baseada em uma fração dos fatos conhecidos. Outros fatos podem contradizer esta teoria.

A telepatia é exatamente um deles. Realmente parece que uma ocorrência mental — uma certa emoção ou experiência dentro do agente — causa uma ocorrência material — um certo efeito no percipiente, como por exemplo uma visita ao agente ou a escolha de uma carta específica. Um epifenomenalista convicto talvez explicasse como pura coincidência a maioria das experiências de laboratório e dos casos espontâneos, e considerasse fraude os restantes. Mas se ele mesmo visitasse um médium anonimamente, e se o médium descrevesse os seus parentes mortos e relações pessoais nos mínimos detalhes — detalhes que não pudessem ser conhecidos normalmente —, então talvez ele se voltasse para a explicação telepática apenas para evitar a hipótese espiritualista. Diante de casos indicativos de reencarnação, sua necessidade de voltar-se para a hipótese da telepatia ou mesmo da super-PES será ainda maior. Se estudar gravações de fenômenos paranormais, será forçado a recorrer à hipótese da psicocinese para evitar a hipótese espiritualista. Porém a psicocinese, como a telepatia, implica que o fenômeno psíquico causa ocorrências materiais. Ao aceitá-la, ele contradiz suas próprias doutrinas.

Portanto, o epifenomenalismo constrói conceitos insustentáveis e discordes de todos os fatos conhecidos. A consequência do epifenomenalismo, fosse ele verdadeiro, de que as atividades psíquicas não podem ser produzidas após a morte do cérebro, não foi provada. Em outras palavras: pelo menos certas funções do consciente são, em teoria, completamente possíveis após a morte, sem que sejam contraditas por fatos conhecidos.

Rejeitamos, assim, a primeira das alternativas citadas no início deste capítulo, e o peso da evidência empírica existente deverá orientar a nossa opção entre as possibilidades remanescentes (com exceção da de número 6, que é questão de fé).

Como sustenta Binkley², é difícil encontrar uma concepção do relacionamento do corpo e da psique na qual a sobrevivência não seja concebível. "Mesmo o mais intransigente materialismo teria de admitir ser concebível que a sede do consciente

e da personalidade não é o cérebro físico, mas um cérebro 'astral' que pode sobreviver à morte do corpo físico." Existe esta possibilidade, e só a experiência pode nos revelar algo sobre a relação real.

Reciprocidade entre psique e cérebro

Mas os fatos indicam que o cérebro realmente produz a consciência? Não se provou a possibilidade de localizar-se definitivamente a consciência em qualquer ponto do cérebro, nem parece que as células nervosas tenham quaisquer outras propriedades fisiológicas que as das células. Além disso, não parece existir qualquer diferença crucial entre as células nervosas da coluna vertebral (que não se supõe portadoras do consciente) e as do córtex cerebral (que muitas vezes se considera guardarem as formas superiores da consciência). O contato entre células nervosas adjacentes, provocado por substâncias químicas, parece também ser semelhante, quanto à natureza, por todo o sistema nervoso. Mas não devemos basear toda a nossa argumentação nessas observações: os neurofisiologistas ainda não chegaram a um consenso a respeito de como tudo isto deve ser encarado. Mas é interessante notar que neurofisiologistas de renome começaram a se preocupar com o problema da relação entre o cérebro e a consciência^{6,7}.

Alguns acham que o cérebro definitivamente produz as condições necessárias à atividade consciente, mas acrescentam que isto, por si só, não causa a consciência. Talvez uma comparação com um receptor de televisão possa esclarecer melhor: o aparelho de TV é essencial para que as pessoas vejam um programa, mas ele não causa o programa, que permanece no ar ainda que o aparelho seja desligado. Da mesma maneira, o cérebro poderia ser considerado como intensificador de impulsos de um campo de energia mental, impulsos muito fracos para quaisquer instrumentos de medida, mas que, apesar disso, existem.

Assim, o cérebro funcionaria como um transmissor-receptor, fazendo a comunicação entre o corpo e este campo mental. Certas ocorrências verificadas no cérebro, causadas por estímulos do mundo exterior (por exemplo, um fósforo aceso sobre a pele) ou por estados do corpo, causam certas ocorrências psíquicas, percepções dos mais variados tipos. Mas, por outro lado, certos fenômenos psíquicos (não importa como são causados) causam ocorrências materiais. Por exemplo: o desejo de levantar a mão causa impulsos nervosos que produzem movimentos de certos músculos de maneira a que a ação ocorra. Naturalmente a máquina, neste caso o cérebro, deve funcionar de maneira que esta reciprocidade possa ser completada. Mas a interação do cérebro e da psique, deste modo, não exclui a sua capacidade de agir independentemente. É verdadeiro que a formação da psique ao longo da vida depende, em sua maior parte, desta reciprocidade entre cérebro e psique, porém isto não exclui a possibilidade de que a psique, após a morte do cérebro, possa continuar a existir e a usar pelo menos um determinado número de suas capacidades, as psicopsíquicas.

Esta teoria de reciprocidade, esta interação da psique com o cérebro, não significa que tenhamos tomado uma posição favorável à idéia de que a psique sobrevive além da morte. Estabelecemos apenas que a sobrevivência é concebível. No mais, a

questão é deixada em aberto, a fim de ser debatida pela evidência empírica existente⁸.

Se, então, a sobrevivência é possível, persiste a pergunta: o que sobrevive e como ocorre a sobrevivência? Se é impossível esboçar um quadro compreensível da vida além da morte, então não terá sentido discutir o assunto. Como veremos nos capítulos 18 e 19, tal retrato é inteiramente possível de traçar. Mas é preciso primeiro examinar mais de perto ainda outra experiência humana, a chamada experiência mística. A interpretação disto pode, de fato, ter consequências tanto para a nossa compreensão de PES como para a interpretação da função do cérebro e da vida depois da morte.

Referências

1. *Ducasse, 10:4, págs. 39-118. Beloff, J., Chari, C. T. K., e Price, H. H. "Three essays in honor of C. J. Ducasse". JASPR 64 (1970): 327-42.
2. Wheatley, J. M. O. "The question of survival: Some logical reflections". JASPR 59 (1965): 202-10. Ver também Binkley, R. "Phi-losophy and the survival hypothesis". JASPA 60 (1966): 27-31.
3. Cheek, D. B. "Unconscious perception of meaningful sounds during surgical anesthesia as revealed under hypnosis". Amer. J. Clin. Hypn. 1 (1959): 101-113. Ver também LeCron, L. M. Self-hypnotism. Englewood Cliffs, N. J.: Prentice-Hall, 1964, págs. 82-83.
4. Mente ou psique.
5. Schaffer, J. A. Philosophy of mind. Englewood Cliffs, N. J.: Prentice-Hall, 1968.
6. Burt, C. "Parapsychology and its implications". Int. J. Neuro~ psychiat. 2 (1966): 363-77.
7. *Burt, C. "Brain and consciousness". Brit. J. Psychol. 59 ((1968): 55-69. Ahlberg, Alf. "Vision och verklinghet". Sökaren, jul. 1970. J. P. Powell protesta contra Burt: Buli. Br. Psychol. Soe. TI (1969): 27-28. .
8. A ideia da sobrevivência à morte pode ser abordada também do ponto de vista filosófico. Mats Furberg intenta, em Tankar om döden (Aldus, 1970), demonstrar que a questão da imortalidade, por razões puramente conceituais, não pode ter uma resposta verdadeira-Sökaren, março, 1971.

JACOBSON, Nils. **Vida Sem Morte**. São Paulo: Círculo do Livro, 1971, pp.149-176. Tradução de Archibaldo Figueira, 1975.